

CARMEN CHAVES McCLENDON and M. ELIZABETH GINWAY (editors),  
*Los Ensayistas: Brazil in the Eighties*. Athens: University of Georgia  
Press, 1990.

Sempre que se fala de Brasil em termos de livros, revistas ou artigos, ficamos eufóricos, pois, apesar de o Brasil ser o maior país da América Latina, definitivamente não pertence ao “imaginário” norte-americano. Não faz parte literalmente do universo que informa o dia-a-dia (e não só) do cidadão comum dessas plagas do Norte. O que fazer para romper esta barreira intransponível? Esta tem sido a minha pergunta ao longo dos anos em que milito na “American Academia”, tudo fazendo para incorporar o Brasil ao movimento dos barcos que por aqui passam ...

O número 28-29 da revista *Los ensayistas* também tem essa preocupação: colocar o Brasil (e as suas questões mais candentes) no concerto das nações. Um país que vive marcando passo, de repente, pode ser “descoberto” por ensaístas que pertencem aos dois hemisférios (o do Sul e o do Norte). Neste encontro ou diálogo, vai surgir, espero, uma compreensão mais profunda e mais ampla desse grande país, ainda por “descobrir”. O mote encerra uma dupla tristeza: em primeiro lugar, parece que se está sempre começando alguma coisa, um processo, algo muito incipiente; por outro, como estamos no início, não se tem tempo para uma análise mais profunda e mais vertical das questões e problemas que se estão desenvolvendo naquele país nos dias de hoje. Este duplo número da revista não me parece escapar a esta “armadilha”, há tanto tempo sendo preparada, montada, que a sua desconstrução será difícil e demandará uma eternidade de tempo. Mas, tenho de ir por partes.

O livro é composto de dez ensaios, nem todos, no entanto, possuem este caráter introdutório, senão escolar. Há alguns que verticalizam as questões (como, por exemplo, os de Hélio Jaguaribe e Gisálio Cerqueira Filho), informando ao leitor questões teóricas indispensáveis para uma compreensão do panorama político (já que estes dois ensaios citados tratam da esfera política) no Brasil dos últimos anos. A despeito disso, há outros que contêm uma ingenuidade muito acentuada, mostrando mais uma vez que o país é uma forma de “macumba para turista”. Uma pena. Uma triste pena. Ainda adentrando mais em questões técnicas, há um ensaio que mereceria mais consideração por parte do revisor, pois sua leitura (e consecutiva compreensão) é quase impossível, refiro-me ao último ensaio do livro (Desmatamento na Amazônia: um problema de visão). Se, por um lado, o trabalho trata de uma questão candente dos dias de hoje, sua sintaxe obedece a paradigmas, por vezes, impossíveis de serem decodificados. Mais. Como a revisão parece ter sido precária, há trechos incompreensíveis para o leitor pouco acostumado com o tema (e olha que o texto foi escrito em Português e sou um falante nativo da língua). Havia que levar pequenos detalhes em consideração, para que se estabelecesse uma comunicação mais efetiva. Não se vive apenas de boa-vontade.

Assim, apesar destes pequenos problemas, acidentes do percurso, quero crer, este número de *Los ensayistas* funciona como um bom exemplo de como se deve continuar a organizar números “gerais” e “abrangentes” a respeito do Brasil. Seu mérito está, segundo minha lógica, no fato de colocar em circulação o nome deste país do Terceiro Mundo como moeda corrente, de fácil manuseio. Este é seu mérito maior. Mas (e isso me parece fundamental) não deve descurar no que diz respeito às análises interpretativas, que, com raras e honrosas exceções, como já acentuei mais acima, são importantes para uma melhor compreensão do Brasil. Seria oportuno seguir o caminho trilhado por Luiz Costa Lima, que ao falar de “Pindorama”, fá-lo com uma elegância e profundidade pouco encontrada em outros analistas da realidade brasileira. O exemplo, fora de ser o centro, representa a rota, a busca, estas apontando para possibilidades, não para contingências modelares.

Como diz a música popular, “a verdade nem sempre rima” ...

*Stanford University*

FRANCISCO CAETANO LOPES JUNIOR

NORMAN LAVERS: *Pop Culture into Art: The Novels of Manuel Puig*. Columbia: University of Missouri Press, 1988.

Infelizmente, el año 1990 se ve marcado por una de las pérdidas más irreparables de la Literatura Hispanoamericana, quizá mundial. La muerte prematura de Manuel Puig significa algo impensable, insubstituible en términos de la “representación de lo real”. Este escritor argentino, obcecado por la “mimesis”, intentó de todas las maneras posibles e imaginables conseguir poner de relieve lo real, si bien lo real de su tiempo; la historia “verídica” y más profunda de una América Latina (metáfora del mundo, sin ninguna duda) amedrentada por los fantasmas más asustadores ....

En este sentido, la publicación del libro del profesor Norman Lavers es de las más oportunas y significativas. ¿Por qué? En primer lugar, pone a disposición del lector en lengua inglesa una referencia concreta a la obra de uno de los mayores autores de la literatura argentina de este siglo. Por otro lado, presenta de forma resumida y bastante didáctica (ésta es, sin ninguna duda, la función prioritaria del libro), resúmenes de las obras principales de Puig. Por último, procura hacer una crítica de los libros en cuestión (*El beso de la mujer araña*, *The Buenos Aires Affair*, *Pubis Angelical*, etc.).

Pero vayamos por partes. En un capítulo introductorio, el autor nos da cuenta, de manera bastante general, de las obras de Puig, concentrándose en el aprovechamiento que el autor hace de objetos considerados “espúreos”, a fin de dar cuenta de una realidad bastante compleja, como suele ser la de América Latina. Sin utilizar el término “posmodernidad” (demasiado complejo para un libro introductorio), su descripción del trabajo de Puig está cercana a esta